

# Dona Bebê, 100 anos vivendo em São Paulo

**Matriarca dos Salles Penteados testemunhou quase um quarto da história da cidade**

URI PITTA

Isabel de Salles Penteados vive praticamente um quarto da história de São Paulo. **Dona Bebê**, como é conhecida, completou 100 anos em julho, 100 dos quais vividos na capital, o que a torna uma autêntica paulistana. Presenciou a transformação, graças ao café e às indústrias, da pequena cidade na quarta metrópole mais populosa do mundo. E participou de fatos marcantes que, hoje, seus 60 bisnetos e 4 trinets vão estudar ou já estudaram na escola.

**Dona Bebê** é do tempo em que se namorava no Teatro Municipal, inaugurado cinco anos antes de Antônio de Salles Penteados pedir-lhe a mão em casamento. Foi em 1916, num baile à fantasia, que o agrônomo formado na Alemanha fez a proposta à moça, então com 25 anos. A resposta foi uma das muitas vezes em que Isabel mostrou como podia ser, num mesmo momento, carinhosa e exigente. "Só se você pedir de joelhos."

Ele não titubeou. Ajoelhado e reverenciando a mulher amada, Antônio se declarou. A festa parou para assistir ao que se passava no palco. Não era encenação, e o casamento saiu no ano seguinte, na Igreja de Santa Cecília. Décadas depois, já viúva, **Dona Bebê** recordaria a cena e a descreveria no verso de uma foto daquela festa. Querida que a história do baile e do noivado ficasse gravada além de suas lembranças. "Mamãe era muito romântica", conta Guimar, filho de Antônio, de 85 anos, a mais velha dos nove filhos da matriarca.

**Fibra** - Era afetuosa, mas também mulher de fibra, desde o nascimento. **Dona Bebê** veio à luz em 3 de julho de 1893 na Fazenda Santa Rosa, às margens do Rio Piracicaba. Era filha de uma costureira viúva, Luíza Müller, e de um senador da recém-criada República, Manoel de Moraes Barros. Amigo do político, o casal proprietário da fazenda, José Gabriel de Mattos e Gertrudes Silveira Mattos, cuidou da menina, mas a família do pai biológico, primo-irmão do primeiro presidente civil do País, Prudente de Moraes, manteve contato. "Era um Brasil praticamente colonial. Uma vez, nossa avó fez a mudança de casa de batelão, como os antigos bandeirantes", diz outro filho, Mário de Salles Penteados, de 78 anos.

**Dona Bebê** perdeu o pai adotivo aos 10 anos. Gertrudes e filha decidiram mudar-se para a capital, amparadas pelos Moraes Barros. A moça já aprendera francês na escola e estudaria piano com o maestro Chiafari.



Isabel aos 9 anos, em 1903; filha de senador da recém-criada República



O casal mostra a primeira filha, Guimar, nascida em 1918

relli. Daí veio o gosto por Chopin e Schubert e escritores românticos. Lia Victor Hugo e Alexandre Dumas no original. Essa formação culta explica a posterior amizade com intelectuais como o poeta Guilherme de Almeida, o escritor Paulo Duarte e a pianista Guimar Noves. E convivendo com a família de políticos que, só depois de adulta soube serem parentes consanguíneos, tomou gosto pelo assunto que a levaria a fatos que marcaram sua vida e a história da cidade.

A participação no levante paulista contra Getúlio Vargas foi significativa. No imóvel da Alameda Santos, os filhos sempre ouviam: "Quem não é por São Paulo é de fora. Acabou ela própria indo ao front. "Ela costurou fardas do Exército paulista e trabalhou na cozinha de campanha, perto das trincheiras", recorda o filho caçula, Ruy de Salles Penteados.

Passou perto do perigo, quando um tiro de fuzil lhe furou a saia, entre os joelhos, sem atingi-la. Em outra demonstração de firmeza, segurou um homem que corria num comício anterior à Revolução Constitucionalista, quando um tiro seio teve início. "Se mulher não foge, homem também não deve fugir", disse **Dona Bebê**. "Depois, ela foi saber que o rapaz era português e não tinha nada a ver com a história", conta, sorrindo, a filha Guimar. Em 1954, após o suicídio de Vargas, **Dona Bebê** ainda co-



Foto: Repertório

Formação culta inspirou gosto, desde a juventude, por música clássica e autores como Victor Hugo



Ao todo, família teria 9 filhos; educação rígida, mas carinhosa



mentaria: "Coitado, mas graças a Deus se foi."

**Tragédia** - Os amigos da família também conheciam a fibra e disciplina de **Dona Bebê**. E foi numa tragédia que essas características mais vieram à tona. Um dos filhos, Antônio Penteados Neto, o Penteadinho, era aviador da Força Aérea Brasileira (FAB) no Rio. "Quando vinha para São Paulo, ele sobrevoava nossa casa fazendo o motor roncá mais alto", recorda Mário.

Num mês de instrução com um novato, Penteadinho sofreu um acidente. Era o segundo de três filhos que **Dona Bebê** teria de enterrar. "Quando atendi a porta, o oficial me viu com uma criança no colo e não conseguiu dar a notícia. Ofereceu um avião para levar mamãe ao Rio. Só lá ela soube da morte do nosso irmão", lembra Guimar. Tempos depois, um colega de Penteadinho, Alberto Martins Torres, descreveria a história, impressionado, no livro *Overnight Tapachula, Histórias da Aviação*.

"Foi meu primeiro contato direto e pungente com a morte na aviação", escreveu Torres. "Fui a São Paulo num avião de transporte, acompanhando seu corpo. Lá, nos esperava sua mãe, rija, corajosa, com o mesmo jeito ereto e orgulhoso de seu filho, meu querido amigo Penteadinho."

Nas várias casas paulistanas em que morou - a da Rua Gabriel dos Santos foi projetada por Ramos de Azevedo - **Dona Bebê** costumava promover reuniões e encontros de amigos. Era, mais uma vez, a capacidade de ser carinhosa e disciplinada ao mesmo tempo. "Ela dizia que queria saber com quem os filhos andavam, por isso, recebia todos em casa", conta a sobrinha Cordelia de Salles Penteados de Brito.

Foram poucos os anos em que o casal não morou na capital. Antes de Mário e a irmã gêmea Lúcia nascerem, Antônio e Isabel decidiram mudar-se para Ribeirão Preto na época em que a epidemia de gripe espanhola chegou a São Paulo. Tiveram casas em Santa Cecília, Higienópolis e na Rua Augusta, entre outros endereços.

**Caminhadas** - "Quando morávamos na Alameda Santos, mamãe adorava caminhar pela Paulista. As vezes, andava até Santo Amaro, pela estrada do bonde", conta Guimar. Foi de **Dona Bebê** a segunda carta de motorista tirada por uma mulher em São Paulo. "Uma vez, ela me buscou no Externato Elvira Brancido (colégio da Granja Juliana que na época funcionava na Alameda Jan) e o burro de uma carroça enfiou a cabeça pela janela do carro", diz Guimar. "Ela nunca foi boa motorista."

A cidade não tirou o gosto pelas andanças nem a preocupação com os rumos do País. Em 1964, prestes a completar 71 anos, **Dona Bebê** ainda tinha força e disposição para afirmar suas opiniões e protestar contra o presidente João Goulart. De formação católica, mãe e filhos participaram da Marcha com Deus pela Família e pela Liberdade, um dos atos mais contundentes contra o governo federal da época. O bom convívio com os militares, desde a época do filho aviador, permanecia. "Uma vez, mamãe desceu de um avião da FAB em Congonhas e duas fileiras de oficiais lhe prestaram continência", diz Guimar.

Assim como ficou desolada com o desfecho da Revolução de 1932, **Dona Bebê** lamentou os rumos tomados pelo governo militar que derrubou João Goulart. "Até o Castelo Branco, imaginava-se que haveria eleições. Mas com o Costa e Silva foi uma decepção e desapontamento total", conta Ruy.

A partir daí, **Dona Bebê** preferiu cuidar dos netos e bisnetos até onde a saúde lhe permitiu. Teseuária voluntária do Santuário de Santa Cruz, decidiu mudar-se para a lar Nossa Senhora das Mercês, no Alto de Pinheiros, ainda mesmo de as freiras concluírem a construção. Os filhos recordam as brincadeiras que a mãe fazia com colegas do asilo, como deslizar pelos corredores. Há alguns anos, **Dona Bebê** não sai da cama e a memória não é a mesma na hora de contar suas passagens a desconhecidos. Nem precisa. A vida da matriarca faz parte da história da São Paulo que ela viu e ajudou a construir.



**Despluque.**  
Tecnologia móvel

Seu potencial. Nossa inspiração.  
**Microsoft**